

Pippo Russo

A Orgia do Poder

A história não contada de Jorge Mendes,
o patrão do futebol mundial

Tradução

António Costa

A Portugal, terra muito amada e devastada.

«Atira um número ao acaso, pá, atira um número: adivinha o que demos por um coxo que nem para as reservas serve.»

ANTÓNIO LOBO ANTUNES, *A Morte de Carlos Gardel*

Índice

Introdução – Jorge Mendes: anatomia do superagente.	13
Capítulo 1 – Um dia na vida de um leitor de jornais desportivos. .	17
Capítulo 2 – O desaparecimento de Nuno, ou como qualquer meio é lícito para atingir o fim	42
Desafiar o Dr. Pimenta Machado	44
O rasto na Corunha e o amigo Lendoiro	51
A mendisação do Depor	57
«É para ti!» A carreira desproporcionada de Nuno	60
Capítulo 3 – O mercado português e os antigos tubarões Manuel Barbosa e José Veiga: genealogia do poder mendesiano . . .	66
Manuel Barbosa, o primeiro superagente.	68
José Veiga, destruído pela megalomania	71
A Rota do Atlântico, ou a segunda destruição.	85
Capítulo 4 – Uma irresistível <i>força de atracção</i>	88
O não-milagre de Salamanca	95
A concorrência atingida pela <i>força de atracção</i>	105
Bebé, ou o poder absoluto.	116
Capítulo 5 – Os fundos de investimento e a omnipresente superconsultora	119
O rasto inglês e o pacto violado	121

O momento das finanças institucionais	133
Como Drácula no romance de Bram Stoker	150
Os contratos ruinosos	164
Capítulo 6 – As províncias ibéricas do império: clubes pequenos para negócios grandes	177
Rio Ave, o FC Mendes	177
Sporting de Braga: a invenção de Dr. Jorge e Mr. Britalar	215
Vitória de Guimarães, o seu baluarte e o vice-rei vindo do Brasil	246
Paços de Ferreira e o investimento que valoriza 7900%	272
Do Real Massamá ao Reus, as estranhas voltas ibéricas de um superagente <i>glocal</i>	286
Capítulo 7 – Usar os três grandes do futebol português	303
Primeira fase: o FC Porto e a conquista do poder absoluto através do eixo da economia paralela	304
Segunda fase: o Sporting Clube de Portugal como banco de testes para os fundos de investimento globais	318
Entre um passo e o seguinte: 2011 e os fundos de investimento do futebol global	322
Entre um passo e o seguinte, segunda parte: Doyen e Quality, o jogo das finanças obscuras	332
A çaça desenfreada ao <i>Leão</i>	347
Terceira fase: o Benfica de Luís Filipe Vieira, o presidente à procura de ajudante	348
Quarta fase: o Sporting diz basta	372
Quinta fase: o regresso ao FC Porto como se fosse a Troika	377
O próximo passo? Talvez o final	381
Capítulo 8 – O grande jogo	383
Manchester United, a caixa multibanco da Gestifute	395
Mónaco, o local onde o dinheiro entra tranquilamente	401
Atlético de Madrid, o clube-matriosca	414
Valencia: o padrinho Peter e o eixo de ligação a Manchester	424

Os irmãos Neville em Valência	442
O último a chegar: o Wolverhampton do amigo chinês (e os outros amigos chineses prontos para os negócios) . . .	446
Capítulo 9 – Os amigos poderosos, a propaganda, a obsessão pela imagem: a história do <i>Candidato da Verdade</i>	450
A contra-história de Jorge Mendes	451
O Colar de Honra e o amigo Ministro-Adjunto	453
O telefone, a sua cruz	455
Canto eu	458
De uma cantora para outra: Kika	459
A filha Marisa	460
O matrimónio colossal	460
Agente do ano, todos os anos	461
Conclusão e agradecimentos	463
Anexo à edição portuguesa	465

Introdução

Jorge Mendes: anatomia do superagente

Jorge Mendes é o homem mais poderoso do futebol mundial. Conquistou para si a liderança no final de uma escalada constante e imparável. Apesar disso, foi rápida, isto se se atentar à dimensão alcançada no período de tempo médio considerado. Fê-lo por mérito próprio. Seria disparatado não o reconhecer. Ninguém chega ao topo sem talento. Contudo, isto também foi possível porque encontrou a ocasião e o momento histórico certos para iniciar a escalada. E também isto é mérito seu. Nem todos conseguimos aproveitar as oportunidades com que nos deparamos e, também aqui, Jorge Mendes mostra ter um talento claramente acima da média. É necessário acrescentar que Jorge Mendes não encontrou obstáculos ao longo do seu percurso. Antes pelo contrário, os que ousaram colocar-se no seu caminho desapareceram, um após outro. Este é um aspecto não relacionado com o talento de Jorge Mendes, mas com aquilo que poderemos definir como «condições de enquadramento».

Pois, as condições de enquadramento. As que, olhando para as histórias resumidas sobre a personagem e sobre as suas estupendas façanhas, são deixadas de parte por preguiça ou por cálculo. Porém, é sobre elas que é necessário reflectir, para entender como um homem vindo do nada, um completo *outsider* dentro de um mundo como o do futebol e de uma sociedade como a portuguesa, caracterizada por estruturas férreas e ultraconservadoras em termos de transmissão do poder, conseguiu chegar ao topo. E, apesar disso, encontrando pela frente um caminho desimpedido. O mistério de Jorge Mendes está aqui, na ascensão constante que

forja o mito da invencibilidade. Um mito que é alvo de uma propaganda científica, para reforçar a ideia de legitimidade de poder adquirido. Tudo isto forma o quadro em que se move Jorge Mendes, o mais poderoso homem do futebol mundial. As páginas que se seguem dedicam-se à descrição, em particular, deste quadro. Claro que a personagem Jorge Mendes também é descrita aqui, e ao pormenor. Mas sê-lo-á através da sua contra-história. Não é simplesmente «a história *contra* uma qualquer pessoa ou qualquer coisa», mas antes trazer para a discussão o enredo narrativo dominante sobre uma qualquer pessoa ou qualquer coisa. E essa mesma discussão inicia-se trazendo para o centro este enredo, que, como qualquer formato narrativo, é constituído por simplificações, ênfases e, sobretudo, omissões. A figura pública de Jorge Mendes é um vasto mostruário de omissões. Algumas serão apresentadas e esclarecidas. Sobre outras serão lançadas novas interrogações, por me julgar incapaz de as resolver ao não dispor dos instrumentos de investigação necessários. Não obstante, essas interrogações acabam por ser mais importantes do que as respostas. A experiência académica ensinou-me que fazer uma nova pergunta é mais importante do que encontrar a resposta para uma pergunta já existente.

Serão lançadas muitas interrogações sobre a figura de Jorge Mendes. Mas, antes de o fazer, é necessário direccionar o foco para a peculiaridade do papel que é por si representado, um papel que encontra a expressão máxima nele mesmo: o do designado *superagente*. A utilização do prefixo «super» não pretende chamar a atenção para uma pessoa dotada de faculdades sobre-humanas ou paranormais. Mais simples do que isso, visa descrever um papel extraordinário que se sobrepõe aos limites definidos pelos papéis ordinários presentes em qualquer campo de uma actividade social, incluindo o futebolístico. O mundo do futebol está repleto de papéis bem definidos e delimitados dentro de esferas específicas: papéis agonísticos, técnicos, dirigentes, de intermediação. O superagente é uma figura que faz cair os limites de muitos destes papéis. Na origem, é um agente de futebolistas e, nessa qualidade, vê alargar o seu portefólio de clientes. De início, apenas jogadores de futebol, que crescem em número e em qualidade, até que o agente tem entre mãos muitos entre os melhores em actividade. A seguir, expande-se também o portefólio de

treinadores e, conseqüentemente, também são recrutados os indivíduos que orientam as escolhas dos clubes quando se trata de actuar no mercado de transferências. E, por fim, chega o momento em que também são englobados os dirigentes dos clubes, os que tomam as decisões e manobram as alavancas financeiras. Neste momento, o agente já se transformou num superagente, porque deixou de ser um mero intermediário. Mais, é ele próprio a força motriz de negócios futebolísticos de qualquer categoria. O superagente é um consultor do mercado dos clubes, uma referência para os investidores externos que adquirem os direitos económicos de jogadores. Constitui e gere fundos de investimento, cria agências para a gestão dos direitos de imagem e de eventos, por vezes aventura-se no mercado dos direitos televisivos e chega a celebrar pactos com sectores da política e das finanças. Nalguns casos mais avançados, o superagente inventa formas de diplomacia da bola, entrando em contacto com as elites político-económicas de mercados emergentes, onde o futebol é a economia política seguida com outros meios.

No futebol global de hoje, o superagente é tudo isto. Um agregador de negócios que cria o mercado, em vez de se adaptar aos seus processos. Dentro deste perfil, Jorge Mendes representa a evolução mais avançada. Não a definitiva, porque o mundo do futebol encontra-se na actualidade a meio de uma Grande Transformação, que o está a tornar no pilar de uma economia integrada do *entertainment*. Apesar disso, o fundador da Gestifute é hoje o intérprete mais evoluído no papel de superagente. Isto também se deve a ter sabido interpretar esta mudança no sentido da economia do entretenimento e da diversão. E esta capacidade de acompanhar os tempos é-lhe reconhecida. Por sua vez, quanto ao restante, pode e deve discutir-se, começando pela distorção oligopolista que uma figura de superagente, como a de Jorge Mendes, provoca sobre o mercado do futebol e dos futebolistas. Em relação a isto, a opinião sobre o papel dos superagentes, como é o caso de Jorge Mendes, não pode ser senão negativa. A razão para isto será apresentada ao longo destas páginas.

Uma última premissa, de carácter metodológico. A figura de Jorge Mendes é extremamente complexa, o que torna de igual modo complexa a tentativa de a relatar. O risco de que algo se perca ao longo do caminho é real, e não colocaria de parte que isso tenha acontecido nestas páginas.

Apesar disso, é sobre a elaboração do relato que devo dar uma explicação. A complexidade de Jorge Mendes obriga a uma escolha clara do relato, um fio condutor que o torne coerente. Neste livro, o fio condutor é o futebol português, a partir do qual são desenvolvidas as relações globais do Sistema Mendes. Tenho noção de que muitos levantarão objecções. Portugal é um pequeno país na periferia da Europa e o seu campeonato nacional não pertence à elite continental. Argumento respeitável, mas que não partilho. Se escolho contar a história de Jorge Mendes colocando Portugal no seu centro, faço-o não só porque se trata do país do superagente. A razão vai muito além disso. Há já dez anos que me ocupo do fenómeno que defino como *economia paralela do futebol global*. Durante esse tempo, percebi que existem dois países essenciais para o desenvolvimento deste sistema económico: Portugal, na Europa e Argentina, na América do Sul. A leitura diária das notícias desportivas dos dois países permitiu-me criar uma ideia bastante fiel sobre o que se está a passar na economia paralela do futebol mundial. Por esse motivo, falo de Jorge Mendes em estreita ligação com o desenvolvimento do futebol português dos últimos vinte anos. Vinte anos em que se foi enchendo uma bolha especulativa no futebol, que poderá ter agora atingido o seu limite.

Capítulo 1

Um dia na vida de um leitor de jornais desportivos

Por vezes, a leitura de um jornal vai mais longe do que a simples recolha de factos, convertendo-se numa lupa dos processos que se movem abaixo da superfície. É o que acontece com a edição de *A Bola* de 3 de Outubro de 2015. Naquele dia, este diário desportivo contém uma série de notícias, aparentemente sem qualquer relação entre si. E se forem agora apresentadas uma após a outra, tal como o foram ao leitor, continuam a dar a impressão de que não existe qualquernexo entre elas. Repito aqui as mais importantes e, de seguida, reconstruirei o seu fio condutor.

As jóias do Seixal – Começa-se pela secção dedicada ao Benfica, dominada pela euforia resultante da inesperada vitória de três dias antes no campo do Atlético de Madrid, numa partida a contar para a Liga dos Campeões, depois de ter estado a perder (2-1). De entre os protagonistas, sobressaem dois jovens provenientes da Caixa Futebol Campus, a academia do clube, mais conhecida pelo nome da localidade onde está instalada, o Seixal: Néilson Semedo e Gonçalo Guedes. O primeiro ainda não completou 22 anos, mas já substituiu um ídolo *encarnado*, entretanto arrasado pelos adeptos benfiquistas, no papel de defesa direito: o uruguaio Maxi Pereira, que ao fim de oito temporadas, deixou expirar o seu contrato para assinar pelos odiados e históricos rivais do FC Porto. Num mundo como o do futebol, em que a palavra *traição* é usada amiúde sem sentido, a passagem de Maxi Pereira do Benfica para o FC Porto é um caso em que a sua utilização é acertada. Humilhação à parte, a nação benfiquista deparou-se com um enorme problema técnico: a substituição de

um pilar da equipa. E é aqui, num curtíssimo espaço de tempo, que desencanta um rapaz que até àquele momento apenas tinha jogado no Benfica B e que, dois anos antes, tinha estado emprestado ao Fátima, da terceira divisão. Ao fim de poucos jogos, Nélson Semedo apodera-se da faixa direita benfiquista, afastando a possibilidade de surgirem saudades pelo «traidor» Maxi Pereira, devido à dificuldade em substituí-lo. Agora, os adeptos *encarnados* podem odiá-lo em paz, sem qualquer peso na consciência. Naquela noite da Liga dos Campeões em Madrid, Nélson Cabral Semedo prova que está à altura até mesmo dos compromissos internacionais de máximo nível. Uma aposta ganha.

O outro produto do Seixal é o avançado Gonçalo Guedes, que até é mais novo que Nélson Semedo: ainda tem de completar 19 anos. É ele quem marca o golo da vitória contra os *colchoneros*, um golo que lhe permite escrever uma página da história do clube. Também Gonçalo Guedes havia sido promovido à equipa principal algumas semanas antes; e também ele se comporta já como um veterano. Para estas duas «jóias do Seixal», o autor do artigo prevê um futuro importante. Do ponto de vista do Benfica, a perspectiva de duas transferências com números extremamente elevados é credível.

O jovem capitão dos dragões – Avança-se algumas páginas e chega-se à secção dedicada ao FC Porto, que também tinha acabado de realizar uma grande proeza na Liga dos Campeões. No Estádio do Dragão, os azuis e brancos venceram o Chelsea do antigo treinador portista José Mourinho por 2-1. Para a equipa da Cidade Invicta, isto representou a enésima oportunidade de colocar na montra os seus melhores talentos. O artigo de *A Bola* refere que a prestação do jovem médio Rúben Neves entusiasmou Mourinho. Com apenas 18 anos, cumpre já a sua segunda temporada com o plantel principal e move-se dentro do campo com uma autoridade fora do comum. O jovem deixou uma óptima impressão junto do técnico português do Chelsea, o que poderia ser o preâmbulo para o início de uma negociação com perspectivas muito vantajosas para o FC Porto.

O milagre Hassan – Ultrapassada a longa parte do jornal dedicada aos Três Grandes (Benfica, FC Porto e Sporting), chega-se à secção reservada a todos os restantes clubes da liga portuguesa. Um deles é o Sporting de

Braga, que, tal como o Benfica e o FC Porto, obteve um resultado prestigioso numa competição europeia. Os *Guerreiros do Minho* bateram os holandeses do Groningen por 1-0 na Liga Europa, graças a um golo do egípcio Ahmed Hassan. Recorrendo ao formato de crónica, o artigo prolonga-se em considerações sobre os altos e baixos do avançado bracearense. Sublinha-se o modo como Hassan colocou para trás das costas as desventuras estivais, chegadas logo no momento em que a sua carreira parecia ter encontrado novo rumo. Em Maio de 2015, o avançado passa, na verdade, para o Benfica, junto com dois colegas provenientes, tal com ele, do Rio Ave: o guarda-redes Ederson e o médio Diego Lopes, ambos brasileiros¹. Seria o salto para o futebol a sério, mas, infelizmente para Hassan, o sonho desaparece num ápice. Os exames médicos detectam uma anomalia cardíaca², motivo suficiente para o Benfica o devolver a Vila do Conde. Mais do que isso, diz-se que a sua carreira está em risco. Análises posteriores realizadas após o regresso ao Rio Ave afastam os motivos de alarme³. Hassan volta a jogar no Rio Ave e marca o golo da vitória na partida da segunda jornada do campeonato contra o Sporting de Braga. Que também é o clube ao qual é cedido poucos dias depois. Excentricidades do mercado futebolístico ainda aberto com os campeonatos já a decorrer. Para adquirir Hassan, o Braga depara-se com um esforço importante: 700 mil euros por 50% dos direitos económicos. Um valor modesto para os padrões das grandes ligas, mas importante para um clube como o minhoto. E, tendo em conta este esforço financeiro, o artigo de *A Bola* evidencia como o jogador já está a fazer render o investimento do clube. O golo da vitória contra o Groningen permite ao clube encaixar 360 mil euros nos seus cofres, provenientes do prémio que a UEFA atribui aos clubes por cada ponto conquistado nas partidas da fase de grupos: 120 mil euros por cada ponto. Como conta *A Bola*, com apenas um golo marcado, Hassan já devolveu ao clube mais de metade do valor gasto para o comprar.

¹ <http://www.maisfutebol.iol.pt/geral/26-05-2015/benfica-ederson-diego-lopes-e-hassan-para-fechar-hoje>

² <http://reisdoave.blogspot.it/2015/05/transferencia-de-hassan-adiada.html>

³ http://www.ojogo.pt/Futebol/1a_liga/rio_ave/interior.aspx?content_id=4686937

A selecção e a fonte de jogadores – E, por fim, chega-se às páginas dedicadas à selecção portuguesa, que na semana seguinte ia disputar os dois últimos jogos da fase de qualificação para a fase final do Europeu de 2016. Da lista de convocados sobressaem dois detalhes. O primeiro está relacionado com o acima mencionado Néilson Semedo, cujo excelente início de temporada vale a primeira chamada à selecção. O outro detalhe é um dado curioso. Da heterogénea lista de clubes que fornecem jogadores à selecção comandada pelo *engenheiro* Fernando Santos, o que o faz em maior número é o Mónaco. São quatro os jogadores que cede à equipa lusa: Ricardo Carvalho, João Moutinho, Fábio Coentrão e Bernardo Silva. É verdadeiramente curioso que um único clube estrangeiro reúna assim tantos seleccionáveis portugueses.

Um fio condutor chamado Gestifute – Com as páginas dedicadas às convocatórias de Fernando Santos, encerra-se a lista de notícias seleccionadas. Quando unidas no final desta compilação, fica a impressão de que não há umnexo. Contudo, ele existe. Um fio que liga todos os nomes mencionados. Este fio é a Gestifute¹, a agência de gestão de carreiras desportivas fundada e dirigida por Jorge Mendes. Para colocar em evidência o fio mendesiano que liga os factos individuais, convém voltar a percorrer, em retrospectiva, o conjunto de notícias.

Os quatro cavaleiros de Lorde Jorge – Começa-se pelos quatro jogadores do Mónaco convocados para as partidas da selecção nacional portuguesa. Todos eles são clientes da Gestifute. Ricardo Carvalho é o mais velho de todos, quer se fale da idade (nascido em 1978), quer se fale da relação com o agente. Como o próprio defesa conta nas páginas de *Jorge Mendes, o Agente Especial*, a hagiografia do superagente escrita pelos espanhóis Miguel Cuesta e Jonathan Sánchez², os dois iniciaram a sua relação de amizade em 1998, tendo mantido uma relação profissional desde 2001. É essa relação que conduz Ricardo Carvalho ao grande salto

¹ <http://gestifute.com/>

² M. Cuesta e J. Sánchez, *La Clave Mendes: Todos los Secretos del Mejor Agente de Futbol del Mundo*, Esfera de los Libros, 2015. [*Jorge Mendes, o Agente Especial – Todos os segredos de um dos protagonistas mais poderosos do futebol mundial*, A Esfera dos Livros, 2015. (Nota da edição portuguesa.)]

económico e na sua carreira no Verão de 2004, quando o defesa, recém-vencedor da Liga dos Campeões com a camisola do FC Porto, é transferido para o Chelsea, em conjunto com o companheiro de equipa Paulo Ferreira e Tiago Mendes, este último proveniente do Benfica. No molho de jogadores levados naquele Verão para os *Blues*, também se encontra o guarda-redes checo Petr Cech¹. Juntos em Londres, os três portugueses encontram-se no centro de uma série de contratos, não só relacionados com as suas prestações desportivas. Quem o revela nas páginas do *Guardian* é o atento David Conn. Além dos acordos assinados entre os jogadores e o clube, também existem outros entre o Chelsea e Mendes, realizados entre uma empresa com sede legal na Irlanda, país com uma disciplina muito *friendly* no que diz respeito aos impostos e ao direito societário: a Gestifute International Limited². As cláusulas destes contratos são surreais. Estabelecem que Mendes compromete-se a: a) «facilitar a renegociação do contrato entre o clube e os jogadores», como se este não fosse já um dever seu enquanto agente deles; b) «cuidar do bem-estar dos seus representados e garantir que se apresentam em tempo útil para os treinos e para os jogos», algo que lhe confere o papel de quase ama-seca (terá sido ele a preparar os pequenos-almoços todos os dias?); c) «agir como consultor para assegurar que os direitos de imagem dos jogadores são vantajosos para o clube», ou seja, uma outra intermediação além das já existentes³. Destas cláusulas deduz-se que Mendes trabalha não só para os seus representados, mas também para o empregador deles. Uma situação promíscua, visto que, por princípio, um agente de jogadores deveria assumir uma posição de parte contrária nos confrontos com o clube e que essa posição negocial contempla a eventualidade de um conflito. Em vez disso, Mendes presta ao Chelsea serviços de teor estranho, mas copiosamente pagos. Trabalha para as duas partes. O único conflito existente é o de interesses.

¹ http://www.diariogol.com/es/notices/2012/10/jorge_mendes_fc_27637.php

² <http://www.forbes.com/companies/gestifute-international/>

³ <http://www.theguardian.com/football/david-conn-inside-sport-blog/2011/jan/18/jorge-mendes-super-agent>

O segundo jogador da lista do Mónaco é João Moutinho, outro cliente da Gestifute. Nascido em 1986, criado no Sporting Clube de Portugal, Moutinho transfere-se de seguida para o FC Porto, para atracar por fim no Mónaco, no Verão de 2013. Isto é, no ano em que deixa de ter como agente o israelita Pini Zahavi e passa para Jorge Mendes, seguindo uma trajectória comum a outros jogadores¹. Mas não se pense que este é um caso de roubo perpetrado por Mendes nos confrontos com Zahavi. Fazer uma coisa destas ao amigo Pini? Jamais. Os dois têm-se em boa estima e respeitam-se, sobretudo porque se temem um ao outro. Por isso, decidem, desde logo, não se chatearem. Pelo contrário, ajudam-se sempre que possível. Quando um jogador passa de um para o outro, isso acontece porque há uma vantagem mútua superior. No que diz respeito a Moutinho, como é o caso de tantos outros jogadores com o selo Gestifute, é uma pessoa com bons dotes, mas claramente sobrevalorizado em termos de fama e valor de mercado. Moutinho é um de tantos que deve a Jorge Mendes uma carreira e uma fortuna mais generosas do que o talento demonstrado².

Em termos de rendimentos e carreira muito acima dos méritos e possibilidades individuais, o terceiro jogador da lista é um caso de estudo: Fábio Coentrão, nascido em 1988, um extremo transformado em defesa lateral. Jogador talentoso e nada mais; todavia, transferido primeiro para o Benfica e, a seguir, para o próprio Real Madrid, onde vive uma experiência que muitos consideram um *flop*³. Proveniente do Rio Ave, clube basilar do sistema de poder mendesiano. Por fim, no Verão de 2015, lá chega a transferência para o Mónaco, por empréstimo. No final da temporada, Fábio Coentrão regressaria ao Real Madrid, que também não consegue desfazer-se dele, muito devido a uma grave infelicidade que o deixa de fora dos relvados (e, em consequência, fora do mercado) até Novembro de 2016⁴.

¹ «Moutinho oficializado na equipa Gestifute», *O Jogo*, 6 de Abril de 2013.

² <https://twitter.com/joaomoutinho/status/598839165455880192>

³ <http://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-3211854/Real-Madrid-flop-Fabio-Coentrao-joins-Monaco-loan-end-season.html>

⁴ http://futbol.as.com/futbol/2016/07/08/primera/1467939183_532443.html